

Ribeiro Brandão, Vanessa

O agon de Odisseu e Polifemo no Ciclope de Eurípides: Astúcia, vícios, sátiros e vinho

**6º Coloquio Internacional. Agón: Competencia y
Cooperación. De la antigua Grecia a la Actualidad**

19 al 22 de junio de 2012

CITA SUGERIDA:

*Ribeiro Brandão, V. (2012) O agon de Odisseu e Polifemo no Ciclope de Eurípides: Astúcia, vícios, sátiros e vinho [en línea]. 6º Coloquio Internacional, 19 al 22 de junio de 2012, La Plata, Argentina. Agón: Competencia y Cooperación. De la antigua Grecia a la Actualidad. En Memoria Académica. Disponible en:
http://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/trab_eventos/ev.4052/ev.4052.pdf*

Documento disponible para su consulta y descarga en **Memoria Académica**, repositorio institucional de la **Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación (FaHCE)** de la **Universidad Nacional de La Plata**. Gestionado por **Bibhuma**, biblioteca de la FaHCE.

Para más información consulte los sitios:

<http://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar>

<http://www.bibhuma.fahce.unlp.edu.ar>



Esta obra está bajo licencia 2.5 de Creative Commons Argentina.
Atribución-No comercial-Sin obras derivadas 2.5

O AGON DE ODISSEU E POLIFEMO NO *CICLOPE* DE EURÍPIDES: ASTÚCIA, VÍCIOS, SÁTIROS E VINHO

VANESSA RIBEIRO BRANDÃO

Universidade Federal de Minas Gerais

(Brasil)

RESUMO

O drama satírico mais completo que chegou até nós é o *Ciclope*, do século V a. C., escrito por Eurípides. Como o próprio nome indica, a peça é baseada no canto IX da *Odisseia*, quando Odisseu, junto de seus companheiros, enfrenta o ciclope Polifemo. No drama satírico, porém, Sileno e o coro de sátiros faz parte desse confronto, o que deixa esse *agon* regado a vinho ainda mais dionisíaco. Logo, neste trabalho, intentamos descrever o *agon* entre o herói grego e o monstro de um olho só, segundo o drama de Eurípides. Serão analisados os vários elementos constituintes da cena, como a negociação com vinho, a astúcia de Ulisses e os vícios monstruosos dos sátiros e de Polifemo.

ABSTRACT

The most complete satyr drama that came to us is the *Cyclops*, written by Euripides in the fifth century BC. As its name indicates, the play is based on the *Odyssey* (IX, 105-505), when Odysseus, with his companions, faces the cyclops Polyphemus. In the satyr drama, however, Silenus and the chorus of satyrs take part of this confrontation, what let this *agon* even more Dionysian. Therefore, in this work, we intend to describe the *agon*

between the Greek hero and the one-eyed monster, according to the drama of Euripides. We will analyze the various components of the scene, such as the negotiating with wine, the cunning of Odysseus and the satyrs and Polyphemus' monstrous vices.

RESUMEN

El drama satírico más completo que llegó a nosotros es el *Cíclope*, del siglo V. C., escrito por Eurípides. Como su nombre lo indica, la pieza se basa en la *Odisea* (IX, 105-505), cuando Odiseo, junto con sus compañeros, se ven amenazados por el cíclope Polifemo. En el drama satírico, Sileno y el coro de sátiros son parte de esta confrontación, lo que hace a este *agon* aún más dionisiaco. Por lo tanto, en este trabajo, la intención es describir el *agon* entre el héroe griego y el monstruo de un solo ojo, de acuerdo con el drama de Eurípides. Se analizarán los diversos componentes de la escena, como la negociación con el vino, la astucia de Odiseo y los vicios monstruosos de los sátiros y Polifemo.

PALAVRAS-CHAVE:

Drama satírico-*Cíclope*-Sileno-Vinho.

KEYWORDS:

Satyr drama-*Cyclops*-Sileno-Wine.

PALABRAS CLAVE:

Drama satírico-*Cíclope*-Sileno-Vino.

O texto-base deste trabalho é o drama satírico mais completo que chegou até nós, o *Ciclope*. O drama satírico é um gênero teatral cômico com um coro de sátiros de falos eretos e com a presença do pai Sileno. François Lissarrague (1990), citado por Seidensticker (2005: 44), resume a fórmula para fazermos um drama satírico: “pegue um mito, adicione sátiros e observe o resultado”.

A estrutura do drama satírico é muito parecida com a tragédia, talvez por geralmente ser escrito por tragediógrafos, mas com estratégias cômicas que também encontramos na comédia. Dentre os fragmentos que chegaram até nós, podem ser reconhecidas peças de Eurípides, Sófocles e Ésquilo, os principais tragediógrafos estudados hoje. No século V a. C., nos festivais de teatro das Grandes Dionísias, todo autor de tragédia deveria finalizar sua trilogia trágica com um drama satírico.

Um dos temas recorrentes dos dramas satíricos que conhecemos, principalmente o *Ciclope*, segundo Seaford (1998), citado por Ambrose (2005: 21), Sutton (1980: 138) e Seidensticker (2005: 45), são a escravidão, a servidão e a libertação dos sátiros; invenções e criações fabulosas; a vitória de um herói sobre um vilão, ogro ou monstro; as fraudes, ardis, e truques. O enredo de *Ciclope* é basicamente esse, como podemos perceber no argumento da peça, traduzido por um teórico brasileiro, Junito Brandão (1987: 42):

Ulisses, tendo partido de Troia, de retorno a Ítaca, é lançado nas costas da ilha de Sicília, onde habita o terrível Ciclope Polifemo. Na caverna do Ciclope, encontrou os sátiros e seu pai Sileno, prisioneiros do monstro. Oferece vinho a Sileno e este, sedento do néctar de Baco, está disposto a trocar ovelhas e queijos de seu amo pelo odre de vinho de Ulisses, quando chega o Ciclope, berrando furioso. Devora, numa só refeição, dois companheiros do herói, mas este, como sempre, agindo com astúcia, após embriagar Polifemo, vaza-lhe o com um espeto incandescente o único olho, logrando, assim, fugir e levar em sua companhia Sileno e os sátiros.

O *clímax* da peça está justamente na disputa entre Ulisses e Polifemo, com o auxílio dos sátiros e do vinho, pela liberdade. O monstro havia capturado esses

monstrinhos para escravizá-los como pastores, função que eles não conhecem. Assim, só lhes resta reclamar do novo serviço, clamando a Dioniso por liberdade para poderem voltar a servir somente ao deus, com danças bebedeiras e sexo.

No entanto, o que os sátiros não percebem é que a simples presença deles mesmos naquele ambiente já permite uma atmosfera báquica. Eles são parte do séquito de Baco e seu ambiente se torna “uma cidade de Dioniso”.¹ Mesmo que os sátiros clamem por Dioniso, eles o introduzem ali pela dança e pelos vícios. A presença do deus é reforçada quando Odisseu chega trazendo consigo o vinho, néctar de Baco, e uma possibilidade de libertação, como nota Barbosa (2009: 33-34):

A cena de chegada do herói se constrói com uma negociata na qual entram em jogo a liberdade, o retorno para casa, o alimento e, sobretudo, o vinho. Ambos os negociadores são hábeis sofistas, pensam rápido, calculam prejuízos. Agem como homens de aguçada reflexão e espíritosidade no uso da palavra. Mostramos um detalhe. Sileno propõe uma degustação que, com efeito, será exagerada. Ulisses concorda, entrega-lhe o vinho e diz: “Vê!” (*idouí*. v. 153). O velho sátiro bebe e exclama: “papaiáx! Que cheiro bom que tem!” (*papaiáx, hos kalèn osmèn échei!* v. 153). Ulisses, envaidecido, comenta: Então, viste o cheiro? (*eîdes gàr autén?* v. 154). Ao que o outro retruca: “Não, por Zeus, cheirei!” (*u mà Dí', all' osphraínomai*. v. 154). Em jogo rápido de pensamento, para arrancar o riso da plateia, nesses dois versos, dividindo falas, meio verso para cada um, Ulisses e Sileno falam e debocham um do outro por quatro vezes.

Nessa peça, tanto o personagem nobre quanto os sátiros enganam e têm interesses próprios elementares, como a sobrevivência e a liberdade, o que fazem com que as barganhas e as negociações fiquem ainda mais interessantes e permeiem toda a peça. A partir daí, do contato entre o herói, os sátiros e o vinho, tudo se modifica. Segundo Ley (2007: 185),

“Restauração, de alguma forma, é a tarefa do restante da peça, e, uma vez que o vinho é introduzido por Odisseu, então o desejo por um coro é o resultado imediato. Sileno cheira-o primeiro, é persuadido a provar e, uma

¹ Seaford (1984: 122) e Ley (2007: 184-185).

vez que ele faz isso, ele grita: ‘Dioniso está me chamando para dançar um coro! (*Ciclope*, v. 156)’.

O vinho traz o mágico pela dança e pela excitação, levando os personagens ao entusiasmo que, pela etimologia da palavra, (em + *theós*) seria “estar cheio do deus”, ou “estar no deus”. As criaturas levadas pelo vinho de forma a ficarem bêbadas e perderem a noção de realidade são justamente as personagens monstruosas: os sátiros, Sileno e Polifemo. Sileno bebe o vinho e fala sobre as alegrias que o néctar de Baco proporciona,² pergunta a Odisseu, junto com os sátiros, sobre Helena (v. 180). Mais adiante, Polifemo, bêbado, se confunde com Zeus e abusa de Sileno, achando que este era Ganimedes (vv. 585-589).

Sabemos também que mais brevemente é o vinho que será o responsável pela libertação. O fato de Polifemo, mais a seguir, também ser “possuído” pelo deus, que permite que haja liberdade para Odisseu e os sátiros. O vinho de Dioniso traz o prazer, a música e também a solução dos problemas.

A disputa entre o herói e o monstro começa na recepção de Odisseu, que, como sempre, multiardiloso e astuto, cumpridor dos deveres e devoto aos deuses, espera hospitalidade do dono da caverna com seu odre de vinho. Por outro lado, o Ciclope viola as noções de cidadania e hospitalidade, devorando alguns companheiros do nauta. Depois de algum tempo, Odisseu consegue conversar com Polifemo oferecendo-lhe vinho, que é recebido, ainda, de forma a contrariar as regras.

“A *Odisseia* já havia estabelecido a figura de Polifemo como um tipo de participante do simpósio grotescamente pervertido – o monstro que janta e, com o encorajamento de Odisseu, bebe *sozinho*, não apenas negando hospitalidade aos outros, mas invertendo a hospitalidade em canibalismo”. (Halliwell, 2008: 127)

² “Só então é que este fica bem durinho e se pode apertar um seio e pesquisar com as duas mãos o úmido e bem sombreado jardim.” vv. 169-171, tradução de Brandão (1987: 49).

A relevância do ventre e do baixo-ventre no episódio do Ciclope faz dele “uma criatura de apetites sensuais não tão distintos daqueles dos sátiros; Odisseu acha fácil sabotá-lo pelo ‘ventre’ que ele idolatra. Nesse ato, Odisseu ironicamente converte Polifemo em um tipo de participante de simpósio, ainda que solitário”.³ Ao beber do vinho, ele fica sem defesa contra o tição que o cega, enquanto Odisseu lhe diz que Dioniso nunca machuca ninguém (v. 524) e ainda o adverte, de forma irônica, que banquetes podem provocar conflitos e violência (v. 534). Há, nos acontecimentos de servidão e liberdade, bebedeira e engano, “(...) um poderoso contraste entre positivo e negativo, elevação e destruição da vida, versões da celebração dionisíaca”.⁴

“O *Ciclope*, de Eurípides, dá uma inversão mais explicitamente dionisíaca, mas também burlesca, a esses temas enredando Polifemo em interação entre o ‘convidado’ que traz o vinho, Odisseu, e a comitiva satírica de Dioniso. O cativo dos sátiros em serviço ao Ciclope é, como Sileno explica, uma separação de seu deus (v. 25-26). Quando o coro entra, tenta recapturar o espírito do komos báquico dançando a vigorosa e provavelmente indecente *sikinnis*”. (Halliwell, 2008: 127-128)

Certamente, a trapaça, a fuga e a disputa, seja ela verbal ou física, podem ser percebidas na peça desde o seu início. Tais temas são marcados pela presença de personagens malandros e trapaceiros; no *Ciclope*, além dos sátiros e de Sileno, temos também Ulisses, que embriaga Polifemo e mente o seu nome, chamando-se de “Ninguém”, a fim de que o monstro ficasse sem defesa e pudesse ser atacado sem resistência. Porém, no momento propício para cegarem o Ciclope, os sátiros fingem sentir dores e estarem machucados para não participarem da empreitada. Essas criaturas são tão covardes que chegam a tentar enganar até mesmo aquele que lhes proporcionaria a libertação. Eles chegam a sugerir que “o encantamento de Orfeu” seria eficaz no cegamento de Polifemo (vv. 646-648), atitude típica dos sátiros.

³ Halliwell (2008: 128).

⁴ Halliwell (2008: 130).

“(…) as expectativas do drama satírico certamente demandam uma oportunidade para risadas desimpedidas por parte da plateia. Mas que tipo de risada, exatamente? Um tipo parece ser propiciado pela exuberância lasciva dos sátiros, outro pela bestialidade caricaturada de Polifemo. Ainda mais um tipo é assimilado pela ação da própria peça: em um momento de *pathos* intrigantemente burlesco, o Ciclope cegado descobre que sua última humilhação é ser escarnecido e ridicularizado – ‘Como riem de mim! Vocês zombam do meu sofrimento!’”. (Halliwell, 2008: 129)

Assim, o *agon* do *Ciclope*, de Eurípides, apresenta um desfecho feliz baseado no cegamento e humilhação de Polifemo e na libertação de Ulisses e seus companheiros, que levam consigo os sátiros e Sileno; a liberdade do séquito báquico e a devida punição a quem não era respeitoso aos deuses. Depois da servidão desajeitada, o heroísmo, a monstruosidade, o respeito e o desrespeito às regras, as estripulias dos sátiros e Sileno e o desfecho da obra que temos bastante completa elucidam os risos e os elementos dionisiacos tão comuns nos dramas satíricos.

BIBLIOGRAFÍA

- AMBROSE, Z. P. (2005) “Family loyalty and betrayal in Euripides’ *Cyclops* and *Alceste*: a recurrent theme in satyr play”, em HARRISON, G. W. M. (ed.). *Satyr drama – Tragedy at Play*. Swansea, The Classical Press of Wales: 21-38.
- BARBOSA, T. V. R. (2009) “Cabeça de homem, ventre de animal: sátiros, centauros e homens”, em JEHA, J.; NASCIMENTO, L. (org.). *Da fabricação de monstros*. Belo Horizonte, Editora UFMG: 24-39.
- BRANDÃO, J. S. (1987) “O drama satírico”, e “O ciclope” (trad.), em EURÍPIDES; ARISTÓFANES. *Um drama satírico: O ciclope e duas comédias: As rãs; As vespas*. Rio de Janeiro, Espaço e Tempo: 31-35.

- HALLIWELL, S. (2008) *Greek Laughter – A Study of Cultural Psychology from Homer to Early Christianity*. New York, Cambridge University Press.
- LEY, G. (2007) *The theatricality of Greek Tragedy – playing space and chorus*. Chicago/London, The University of Chicago Press.
- SEAFORD, R. (1984) *Euripides 'Cyclops'*, Oxford.
- SEIDENSTICKER, B. (2005) "Dithyramb, Comedy, and Satyr-Play", em GREGORY, J. (ed.). *A companion to Greek tragedy*. Oxford, Blackwell: 38-54.
- SUTTON, D. F. (1980) *Greek satyr play*. Meisenheim am Glan, Hain.